

Últimas palavras.

Cada homem deve gritar.

André Breton

Encerro meu texto com um panfleto, pela minha própria dificuldade de pensar a literatura brasileira contemporânea em termos marcadamente políticos. Mas espero ter mostrado como a ficção de André Sant'Anna é capaz de simular a técnica, ou, mais exatamente, o *domínio* da técnica.

Novamente, insisto, aqui eu quis pensar os seus textos *antes* de entendê-los. Não fico ressentido com a internet porque baixei uma música (ou um filme, ou um livro) ruim. Posso me ressentir, sim, com o fato de eu *não* ter acesso à internet. Assim, parece-me que, senão pelo seu conteúdo, eu só gosto do texto de Sant'Anna enquanto um fetiche; aquilo que, por exemplo, o personagem Noé tem pelo seu carro importado; ou que qualquer um pode ter por um controle remoto, pela internet ou por quaisquer dispositivos que permitam extrapolar espaço e tempo; enfim, por todas as próteses que os textos em questão, ao menos aparentemente, nos oferecem.

Enquanto Sant'Anna escreve um texto, como *Sexo*, que na íntegra jamais será televisionado (não pela Rede Globo), eu gosto desse romance não apenas porque ele daria um bom roteiro (e com certeza daria), mas porque ele *já é* televisão. Não porque parece, e sim porque ele *é* também um *videogame* (que *se joga*, que *é jogado*, ou que ao menos assistimos a alguém jogar).

Então, assim como Sant'Anna elabora a técnica de Agrippino de Paula, a partir dos modelos de "narrador oculto" (mesmo que muito vaidoso) desenvolvidos principalmente em *Amor* e em *Sexo*, os escritores agora podem ter acesso à televisão não enquanto roteiristas apenas, mas enquanto *atores*, *cameramen*, sobretudo como *diretores*. Penso – e sei que isto não é uma opinião minha – que seria interessante se todos escrevessem sobre diferentes assuntos de uma maneira igual. Visivelmente, tecnicamente igual. Ou se a forma do texto incorporasse tudo o que, hoje, pode ser a literatura, todos os livros do mundo, a idéia de biblioteca, "as palavras e as palavras", etc.

Ao menos, podemos continuar *usando* as técnicas aqui apresentadas para tratarmos dos estereótipos da publicidade, da realidade virtual, da nossa inscrição sócio-econômica, ou até para nos relacionarmos diretamente com figuras públicas. Pois, como aqueles de *PanAmérica*, nós queremos os nossos ídolos, principalmente porque (parece) eles têm nome, imagem, identidade. Às vezes, até título.